

Um Novo Hume Realista?

Bruno Batista Pettersen (PAD/UFMG)

Orientadora: Livia Guimarães

Introdução

Tenho por objetivo nesta pesquisa indicar três pontos: primeiro, uma interpretação realista sobre David Hume, a qual vê nele um realismo com relação à noção de conexão necessária; esta interpretação diz basicamente que Hume crê em causa e efeito, e o que o filósofo não acredita é em uma possível explicação sobre ela. Na segunda parte mostrarei duas objeções a esta visão, uma objeção de Ken Levy, e outra objeção minha, baseada no texto humeano. E por fim acrescentarei uma interpretação pessoal de Hume, a qual chamo de “ontológico-cética”

Primeira Parte

Um recente debate entre os estudiosos de Hume tem evidenciado uma linha interpretativa que considera Hume um realista acerca das conexões necessárias. Esses estudiosos afirmam basicamente que Hume acredita em relações causais entre os eventos e o que considera inconcebível é somente a explicação dessa conexão. Podemos exemplificar assim: é certo que o pão é causa de nossa nutrição, todavia não nos é possível explicar o porquê, apesar de ser verdadeiro. Apresentarei nesta primeira parte três dos argumentos destes intérpretes realistas. Eles são, a saber: (I) a “explanatory gap”, (II) o princípio da razão suficiente-PRS, e (III) o argumento da coincidência cósmica.

I_ Portanto, como é possível defender a posição realista acerca da conexão necessária na filosofia de Hume? Segundo os que adotam esta noção, deveria ser possível ser encontrada em Hume uma evidência clara da explicação realista acerca da conexão necessária. Para que a interpretação de Hume seja realista é necessário que ele faça duas perguntas: primeiro, desta causa surge este efeito? e segundo, este efeito surge sempre desta causa? Essas duas questões são chamadas de “explanatory gap questions” Elas são marcadas por um forte tom realista, na medida em que, ao serem feitas e posteriormente respondidas, geram uma explicação realista, pois afirmariam um mecanismo subjacente, o qual

determina a conexão necessária e não se perguntam apenas com relação à regularidade nos eventos. Ou seja, se Hume responde estas questões, ele adota uma postura realista.

Um dos exemplos de resposta humeana à explanatory gap se dá quando Hume discorre sobre a relação corpo-mente. Quando Hume fala como podemos mover nosso corpo, ele claramente estaria, segundo os intérpretes, indicando que a mente é causa do efeito do movimento no corpo. Outro exemplo é quando Hume comenta sobre a fricção de duas peças de mármore (EHU, 24) e diz que apenas de uma forma seria possível deslizá-las, ou seja, ele estaria afirmando que há uma característica inerente ao mármore que o permite deslizar de uma forma apenas. Nestes dois exemplos encontramos evidências de que Hume investiga e atribui um mecanismo subjacente ao mármore e à mente (no caso da relação mente - corpo), o que permite gerar um efeito determinado.

Em resumo, a questão da explanatory gap é fundamental para entender o Novo Hume, pois são questões de caráter realista que evidenciam características subjacentes à experiência sensível. Ao considerá-las nos exemplos citados, Hume evidenciaria seu comprometimento com a noção de conexão necessária e não apenas a indicando como regularidade nos eventos.

II_ O segundo argumento a favor do novo Hume é o princípio da razão suficiente. Este princípio diz que *a priori* todos os eventos são inteligíveis, ou seja, que há algo nos objetos e nos eventos que os torna inteligíveis. Como se pode constatar isto? Quando sempre percebemos uma bola de bilhar impulsionar a outra, nós acabamos por constatar que uma é causa do movimento da outra. Nós não constatamos que um evento singular ocorreu, mas que uma conexão necessária se estabeleceu. Quando Hume indica uma noção específica de causa e efeito, como, por exemplo: “um objeto seguido por outro, e onde todos os objetos seguidos pelo primeiro são seguidos por objetos similares ao segundo” (EHU, 76), ele mostra que há uma inteligibilidade nos eventos, da qual pode ser retirada esta proposição geral. Seria portanto uma inteligibilidade retirada da repetição da experiência sensível que vai além dela ao falar sobre a natureza própria das coisas.

III_ O terceiro argumento que contribui para o novo Hume é o argumento da coincidência cósmica. Ele diz que há algo de determinante em uma causa que gera um efeito especial e específico. Como se dá este

argumento? Podemos dizê-lo assim: um efeito é sempre posterior a uma determinada causa e não de outra forma, por exemplo: a nossa nutrição sempre decorre após termos ingerido algum alimento, ela não se dá de outra forma, haja vista que é apenas com alimento, e não com eventualmente outra coisa que nos nutrimos. Há, desta forma, algo especial e determinante na causa que gera um efeito sempre igual. Onde Hume indicaria isto? Quando Hume, por exemplo, cita qualquer relação de causa e efeito do tipo: o sol nascerá amanhã, ele constataria esta relação de eventos especiais. Este argumento diz ainda que é mais razoável acreditar que regularidades manifestam propriedades objetivas do que acreditar que elas são meras coincidências; apesar de não ser contraditório afirmar o contrário de uma sentença acerca de conexões necessárias, o que explicarei no parágrafo seguinte.

Como foi indicado pelos três argumentos, Hume mostra que há, sim, uma conexão necessária nos eventos. Todavia, os intérpretes que afirmam o novo Hume indicam também que Hume não pode entender como se dá a conexão necessária, já que ele admite que não implica em contradição lógica afirmar o oposto¹. Por isso, estes intérpretes afirmam que Hume acredita em conexão necessária, mas não pode prová-la.

Para findar esta primeira parte, posso dizer que o novo Hume é fundado quando Hume fala sobre a causalidade, e afirma que, se ele não acreditasse nela, ele não a definiria e faria definições onde entra a relação de poder, conexão necessária e “força oculta”, e não exemplificaria causação mental ou propriedades do mármore, por exemplo, em termos de conexões necessárias. O que acontece é que ele simplesmente não pode explicá-la ou conhecê-la. Na próxima parte irei sugerir algumas objeções à visão realista.

Segunda Parte

Há vários argumentos contra o novo Hume, dos quais citarei dois: um de Ken Levy, que é encontrado no artigo “New Hume, Hume, and causal connections”², no qual ele afirma uma posição contrária à explanatory gap, e outro argumento que se fundará numa interpretação minha, baseada no texto humiano.³

Como já foi dito, a explanatory gap possui um forte tom realista, e se for respondida, ela levará ao novo Hume. Todavia, ao contrário dos

novos humeanos, Levy afirma que quando, por exemplo, Hume fala sobre a relação corpo-mente (um exemplo da explanatory gap), ele estaria apenas marcando um ponto, ou seja, Hume não responde a estas questões mas apenas marca um ponto de dúvida sobre a conexão necessária. Além disto, as distinções que Hume faz não são sobre as explanatory gap, mas acerca da *nossa noção* de poder ou “forças ocultas” que geram a relação de causa e efeito. Assim, ele não pergunta com relação ao mundo exterior, mas apenas com relação às atividades da mente sobre o corpo, isto porque Hume sempre se refere à nossa visão ante o mundo.

Quando Hume indica que o mármore apenas desliza numa determinada maneira (outro exemplo de explanatory gap), o que ele quer dizer não é que há algo no mármore que o permite deslizar nesta determinada direção, portanto, não é na busca de compreender o que há de subjacente ao objeto que Hume conduz sua investigação, mas o seu objetivo é indicar que nós percebemos que o evento tem ocorrido desta forma. E acrescentando algo ao argumento de Levy, posso dizer que neste ponto seu objetivo é de indicar que nós acreditamos que o mármore desliza de uma determinada maneira, ou que a mente atua de uma forma específica, ou seja, pelo hábito. Portanto, concluindo este argumento, constatamos duas coisas: primeiro; quando Hume vê a explanatory gap, ele estaria trabalhando no que Levy chama de “whether questions”, ou questões de probabilidade, a qual a pergunta é “se temos ou não uma idéia inteligível da conexão causal nos objetos” (Levy, 2000, p.54), e não uma pergunta de como o mundo é. E a outra conclusão é que Hume não se pergunta sobre o mecanismo subjacente ao objeto, pois ele não se pergunta sobre a explanatory gap, a qual teria esta função.

O segundo argumento contra o novo Hume se funda na seguinte afirmação acerca da conexão necessária: “Em uma palavra: todo efeito é distinto de sua causa. Portanto não poderia ser descoberto na causa e deve ser inteiramente arbitrário concebê-lo ou imaginá-lo *a priori*. E mesmo que depois que o efeito tenha sido sugerido, a conjunção do efeito com a sua causa deve parecer igualmente arbitrária...” (EHU, 23). Podemos perceber aqui de maneira incisiva a noção humeana que afirma que não há como conhecer o efeito de uma causa. De acordo com o argumento do novo Hume, Hume acreditaria em conexão necessária, mas o que vemos aqui nesta fundamental afirmação dele é que qualquer tentativa de ligar um evento ao outro é totalmente arbitrária. Dessa forma, é apenas no hábito



futuras recorrendo a ocorrências passadas. Hume diz: “...(a) constante conjunção na instância do passado desta maneira produz o hábito na mente (...)” (EHU, IV), ou seja, o hábito é um fato psicológico apenas. E como o costume é a única fonte possível do conhecimento particular da regularidade, pois esta pode se alterar, qualquer posição tomada frente a ele está subjugada a dois tipos de incerteza: uma em relação à experiência, pois não vemos ligação entre os eventos, e outra em relação ao raciocínio, já que o hábito é uma reação psicológica, não um raciocínio inferencial: “(...) todas as inferências tiradas da experiência são efeitos do costume e não do raciocínio (...)” (EHU, 36). Desta forma, o hábito não é algo perfeitamente seguro para a fundamentação do conhecimento em bases realistas.

Com estes dois pontos chegamos à seguinte conclusão: Hume não acredita na causalidade pois não possui evidências dela, como a única forma de proceder ao conhecimento é através do hábito, que por sua vez é inseguro. Levanto então uma posição cética: Nós não conhecemos o mundo, temos impressões e reações psicológicas que entram em choque, portanto, como iremos reagir? Suspendemos o juízo e desta forma fica evidente que nenhuma solução é razoável. Desta maneira, Hume não é um realista que acredita na causalidade, mas um cético que não conhece como o mundo funciona.

Todavia, para Hume saber que não conhece o mundo, foi necessário que ele investigasse sua fonte de evidências verdadeiras: a experiência. O real humano, que é o real empirista, o qual encontra a verdade na experiência sensível, faz com que Hume faça algo como uma “investigação empírico-ontológica” nos objetos, para então concluir que não pode ser dito que há conexão necessária. Sem essa investigação direta no sensível, Hume não poderia ter chegado a nenhuma conclusão, já que não investigou a experiência. Por isto considero, ao contrário de Ken Levy, para quem a filosofia humeana é somente epistemológico-cética, que Hume faz uma investigação ontológica, a qual resulta em dois pontos, a saber: primeiro, um ceticismo, devido a não ter encontrado nenhuma evidência empírica da conexão necessária, e segundo, uma posição epistemológica⁶, que deriva de uma posição primária ontológica.

Posso afirmar desta forma que, quando Hume investiga a experiência, sua visão tem o objetivo ontológico de entender como a realidade é, todavia sua conclusão é cética, pois Hume não encontra

nenhuma forma de evidenciá-la. O hábito, desta maneira, é uma tentativa do ser humano de ordenar a realidade, para que este possa viver com um mínimo de segurança, mesmo que esta seja ilusória.

Conclusão

Concluindo esta pesquisa, gostaria de levantar alguns dos principais pontos:

Quanto ao novo Hume, mostrei três argumentos: as explanatory gap questions, o princípio da razão suficiente, e o argumento da coincidência cósmica. Os três argumentos indicariam que Hume é um realista, baseando-se basicamente na argumentação humeana que mostra eventos em conexão necessária, como por exemplo, o pão sempre nos alimentará. Faz parte ainda desta interpretação que Hume acredita em causa e efeito, mas não pode explicá-la devido à falta de provas e inferências.

Quanto à argumentação contra o novo Hume, citei dois argumentos: o primeiro diz que quando Hume dá exemplos de possíveis conexões necessárias, o que na verdade ele está fazendo é levantar um ponto de dúvida: se realmente existe conexão necessária, ou não. O segundo argumento baseia-se na afirmação humeana de que toda causa é distinta do seu efeito. Concluindo que a posição realista tem dificuldades de se manter em Hume.

E finalmente, indiquei a minha posição, a qual considero que Hume investiga de forma empírico-ontológica e por sua vez, leva a uma conclusão cética acerca da conexão necessária e da realidade como um todo.

Bibliografia

- HUME, David. *Enquires Concerning Human Understanding*. Edition: L.A. Selby-Bigge, MA. Oxford, 1964
- _____. *Treatise of Human Nature*. Edition: L.A. Selby-Bigge, MA. Oxford.1965
- LEVY, Ken. *Hume, New Hume, and Causal Connections*. In: Hume Studies.2000

NOTAS

¹ Como é possível perceber na seguinte afirmação de Hume: “O contrário de um fato qualquer é sempre possível, pois, além de jamais implicar em uma contradição, a mente concebe com a mesma facilidade e distinção como se ele estivesse em completo acordo com a realidade”.(EHU,21)

² Levy, Ken. *Hume, New Hume, and causal connections*. In: Hume Studies. 2000

³ Minha interpretação se baseará em dois livros: “*Enquires concerning human understanding*”, e “*Treatise of human nature*”.

⁴ Cito Hume: “não poderia ser descoberto na causa e deve ser inteiramente *arbitrário* concebê-lo (o efeito) ou imaginá-lo *a priori*” (EHU,25) (Grifo nosso)

⁵ Digo isto pois o critério de verdade de Hume é a experiência, haja vista, que para reconhecer se uma idéia é correta, deve-se remetê-la a uma impressão originária.

⁶ Que se pergunta sobre o conhecimento do ser humano.